

Aristófanes é igualmente o tema do último contributo deste livro de homenagem. O estudo de Javier Bilbao-Ruiz (“La lengua poética de Aristófanes según los escoliastas antiguos: lenguaje figurado, glosas y compuestos”, pp. 347-360) incide sobre a *lexis* de Aristófanes, que muito interessou os escoliastas, e que mereceu vários comentários de Aristóteles que, nas palavras do A., “supo destacar los rasgos fundamentales de la lengua poética de su tiempo para crear una teoría de la *literariedad* influente” (p. 358).

Na questão da organização, salienta-se a adequada inclusão da Bibliografia no final de cada um dos capítulos e a existência de um índice de autores e obras citados, que contribuem também para a qualidade da publicação.

Concluindo, pode dizer-se que o indiscutível mérito deste volume de homenagem se revela não só no facto de rememorar seis estudos notáveis da distinta Professora Milagros Quijada Sagredo, mas na qualidade científica dos 16 ensaios inéditos de reconhecidos especialistas de teatro ático que, com grande rigor analítico e pertinência, contribuíram para enobrecer o vasto percurso académico da professora homenageada.

Por último, há que felicitar os editores deste volume pelo magnífico trabalho de organização de uma obra que, tão justa e dignamente, enaltece e dá continuidade ao contributo tão valioso e generoso que Milagros Quijada nos concedeu no âmbito dos estudos do teatro grego.

**G. Ragusa (org., trad.). (2021). *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros poemas*. 2ª ed. revista, ampliada e bilíngue. São Paulo: Hedra. 215 pp. (ISBN 978-65-89705-05-5)**

MARIA FERNANDA BRASETE<sup>9</sup> (CLLC, Universidade de Aveiro — CEHC, Universidade de Coimbra — Portugal)

No ano de 2012, publiquei, no n.º 14 (pp. 367-368) desta revista, uma recensão daquela que foi 1.ª edição do livro, da autoria de Giuliana Ragusa, intitulado *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros poemas* (2011. São Paulo: Hedra). Na obra que agora se apresenta, a A. anuncia, claramente, na preliminar “Nota à segunda edição” (pp. 9-11), que procedeu a uma revisão e a uma reorganização temática da tradução e dos comentários aos fragmentos de Safo, tal como

---

<sup>9</sup> <https://doi.org/10.34624/agora.v24i0.28057>; mbrates@ua.pt.

do único poema completo ('Hino a Afrodite') que conhecemos, e que agora são apresentados em edição bilingue. Os comentários foram ampliados e atualizados, por forma a proporcionar ao leitor uma leitura mais bem documentada dos textos originais e da tradução, bem com uma exegese judiciosa e aprazível dos versos que chegaram aos nossos dias, da célebre poetisa da ilha Lesbos que terá nascido por volta de 630 a. C.. Também objeto de uma aturada revisão foi a Introdução (pp. 13-68) já que, como investigadora exigente e plenamente consciente de que no mundo académico das Humanidades, e, em especial, no das Letras Clássicas, a produção de conhecimento nunca é definitiva, a Professora Giuliana Ragusa, uma autoridade indiscutível no domínio dos estudos da mélica arcaica grega, teve a preocupação de "melhorar" e de "rever certos problemas de elaborações que [l]he pareceram insatisfatórias" (p.10). Com esta nova publicação, o objetivo principal da A. é a de que "o leitor possa com a mediação deste trabalho de tradução e abordagem contextualizada, admirar umas das maiores vozes da poesia grega, que atravessa os séculos [...]" (p. 10).

No que diz respeito à organização do volume, ele apresenta uma Introdução (pp. 13-68), que, no final, inclui uma bibliografia especializada e atualizada muito bem selecionada e organizada, seguido de uma extensa secção, intitulada "Hino a Afrodite e outros poemas" (pp. 69-209), em que se apresenta o *corpus* sáfico, em edição bilingue grego-português, acompanhado de breves comentários a seguir a cada um dos textos que, sem dispensarem o rigor da crítica filológica, se destacam por uma linguagem clara e adequada à natureza de coletânea pretendida pela A..

Na Introdução, principiando por sintetizar algumas das questões referentes à contextualização da produção poética da mais antiga poetisa da literatura grega, que certamente terá feito uso da escrita num tempo dominado pela oralidade (p.16), Giuliana Ragusa discute "O problemático nome 'lírica'", veiculado pela modernidade para designar a antiga mélica grega, para depois se centrar na difícil tarefa de responder à complexa questão de quem foi Safo, como poetisa e como mulher ("Em busca de Safo, poeta de Lesbos", pp. 20-36). Em "A mélica de Safo" (pp. 36-47), a estudiosa, aborda, com grande poder de síntese, as circunstâncias performativas da poesia de Safo que incluíam sobretudo as modalidades a solo e coral, apesar de existir, no *corpus* conhecido, "um fragmento de narrativa de carácter *epicizante*" (p. 40). Na opinião bem funda-

mentada da autora, “a ‘lítica’ arcaica grega e clássica destina-se à *performance* perante uma audiência, em dada situação e de certo modo que se relacionavam ao gênero — por conseguinte à linguagem, à matéria e ao metro — do poema apresentado de viva voz” (pp. 46-47), se bem que permaneçam em aberto muitas interrogações concernentes à audiência coeva, à ocasião e ao modo de *performance* de cada subgênero poético, ou mesmo à participação de Safo e do seu grupo de *parthenoi* nessas *praxeis* artísticas de natureza assaz diversificada (p. 42). A dificuldade de se tratar, muitas vezes, de uma poesia na primeira pessoa do singular, uma questão problemática nas teorias contemporâneas, mas que não diminui quando nos referimos à Antiguidade, é também um dos tópicos discutidos no tocante à figura da poeta-*persona*. Numa tentativa de resumir todas essas questões referentes à contextualização de Safo e da sua mélica (“Em síntese: Safo, sua mélicas e o coro de virgens”, pp. 47-49), a autora relembra que as canções preservadas da poetisa de Mitilene não devem ser entendidas nem como sendo “biologicamente femininas” (basta recordar os *parthenoi* de Álcman), “nem feministas”, porque “esse termo implicaria que assumem uma ‘postura crítica com relação à cultura (masculina) dominante’, algo que não fazem uma vez que no mundo arcaico e clássico tradicional, o poeta trabalha em adesão aos valores, práticas códigos, que sua poesia revalida e reafirma, [...] funcionando [...] como instrumento de formação de sujeitos sociais e de preservação dos elementos que identificam as comunidades” (pp. 48-49). Nessa linha de pensamento, se deve também entender a temática homoerótica que, como se sabe, se encontra presente nos poemas de Safo.

Ainda na Introdução, Giuliana Ragusa oferece-nos uma breve referência, mas muito pertinente, a outras poetisas da Grécia Clássica (“Mirtes, Praxila, Telesila (e Corina)”, pp. 50-52) e da Grécia Helenística (“Mero, Erina, Anita, Nósis”, pp. 53-57), todas elas mencionadas no célebre epigrama da *Antologia Palatina*, que abrange o período que se estende dos séculos VII a.C. a V d.C.. Importa salientar que este número de nove nomes deve ser entendido pela simbologia do valor canônico que possuía na época e não como uma listagem de poetisas gregas.

A parte nevrálgica do volume, intitulada “Hino a Afrodite e outros poemas”, inclui o único poema completo preservado na época alexandrina, numa obra de Dioniso de Halicarnasso, e de um conjunto de 120 fragmentos

poéticos, alguns reduzidos a uma palavra, agrupados em 23 secções temáticas. Afrodite; Eros; Ártemis; As Cárites ou «Graças»; Eos, a Aurora; Hera; Deuses vários em inícios frustrados; Cenas míticas; Canções de recordação; Desejos; Dores de amor; Sono; Viagem; Imagens da natureza; O cantar, as canções e as companheiras; Epitalâmios: canções de casamento; Festividades; Vestes e adornos; Cleis; Reflexões ético-morais; «Canção sobre a Velhice»; Canto, velhice: um convite; De cantos, cordas, prêmio: imortalidade?. Nesta antologia tão bem organizada, a autora, uma tradutora exímia, “teve por critério oferecer ao leitor todo fragmento minimamente legível” (p. 9), excluindo fragmentos que não permitem reconstituir uma estrutura literária passível de leitura. À parte da célebre “Canção sobre a velhice”, depois da descoberta do P. Oxy. 1787fr. 1. 4-25, fr. 2<sup>10</sup>, em 2004, e traduzido, em 2005, por M. L. West, em *Times Literary Supplement* 5334 (24/06/2005), a edição seguida para os textos gregos é de E. Voigt (1971). A tradução dos textos gregos foi objeto de uma revisão aturada por parte de Giuliana Ragusa, relativamente à obra publicada em 2011, e cada um deles aparece agora seguido de um comentário que engloba informações de vária ordem, no sentido de propiciarem uma leitura mais rigorosa e contextualizada do fragmento em apreço. A tradução cuidadosa prima por se apresentar numa linguagem escorreita e clara, presentindo-se sempre a preocupação em se ser o mais fiel possível ao original, além de encontrar boas soluções para passagens controversas.

A grande valia desta obra da Professora Giuliana Ragusa, que espero ter deixado refletida ao longo desta breve recensão, é a de proporcionar ao leitor de língua portuguesa, especializado ou não, um trabalho extremamente rigoroso e muito bem documentado sobre a poesia de Safo.

Assim, esta excelente obra, publicada sob a chancela da prestigiada editora Hedra, constitui um contributo notável para estudantes e estudiosos de uma das figuras poéticas mais importantes da métrica arcaica grega, além de ser uma prova indiscutível da vitalidade e da qualidade científica dos Estudos Clássicos no Brasil.

---

<sup>10</sup> Cf. GRONEWAL, M. & DANIEL R. W., *ZPE* 147 (2004) 1-4. Ver ainda JESUS, C. A. M. de (2005), “Sempre uma NOVA Luz sobre os Dons das Musas. Um novo poema de Safo e outras relíquias papirológicas trazidas a público”: *Boletim de Estudos Clássicos* 44, 11-19.

Em jeito de conclusão, devo salientar que, numa época em que o estudo das línguas clássicas atravessa uma crise profunda, este volume, pela riqueza da Introdução, pelo cuidado depositado na edição e tradução, pelo valor indiscutível da reflexão crítica que proporciona, é um trabalho que merece ser saudado, porque, pelo engenho e pela arte de Giuliana Ragusa, qualquer leitor poderá dispor de uma leitura atualizada, em língua portuguesa, dos textos que sobreviveram da excepcional poetisa da ilha de Lesbos, que Platão apelidou de “décima Musa”.

**López Gregoris Rosario and Cristóbal Macías Villalobos (eds.), *The Hero Reloaded. The Reinvention of the Classical Hero in Contemporary Mass Media*. John Benjamins Publishing Company, 2020, 160 pp. ISBN: 978 90 272 0495 0.**

MÓNICA MARÍA MARTÍNEZ SARRIEGO<sup>11</sup> (*Universidad de Las Palmas de Gran Canaria — España*)

Este volumen colectivo reflexiona sobre la figura del héroe clásico en la cultura de masas contemporánea, incluyendo el cómic, el *heavy metal*, los videojuegos, las series y el cine. Sometido a actualizaciones y modificaciones —a menudo, aunque no siempre, banalizadoras—, el legado clásico de la figura del héroe ha sido transmitido a un público no familiarizado con aquella tradición. A través de ensayos sobre temas concretos asignados a especialistas, el volumen intenta dar respuesta a interrogantes como el porqué de la trascendencia de la figura del héroe clásico más allá de las barreras cronológicas y culturales, las claves de su transformación en el ámbito del cómic o el cine y, sobre todo, la nueva definición del personaje, al convertirse, tras su largo periplo por la elitista cultura occidental, en un producto de consumo masivo. La introducción que precede a los siete ensayos individuales (pp. vii-xiv), preparada por los editores de la obra, centra el tema y condensa los objetivos del volumen. El libro, magníficamente editado, incluye, además, un utilísimo índice de nombres y temas (pp. 159-160).

En el primero de los trabajos Luis Unceta Gómez (“From Hero to Superhero. The Update of an Archetype”, pp. 16-32) rompe una lanza en favor de productos culturales tradicionalmente relegados a los márgenes y defiende

---

<sup>11</sup> <https://doi.org/10.34624/agora.v24i0.28060>; Monica.martinezsariego@ulpgc.es.